

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 3 | Nº 8 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.3978748>



AS FACES DO FASCISMO NA ATUALIDADE E O PAPEL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO PROCESSO DE SUA SUPERAÇÃO

Arnóbio Rodrigues de Sousa Júnior¹

João Antoniel da Silva Pinto²

Resumo

A discussão sobre o fascismo sempre esteve presente no âmbito da política institucional e da construção do debate político nos espaços de formação e de convívio social. Em tempos atuais, num período histórico de retrocessos sociais, é visto a ascensão das práticas fascistas ganhando notoriedade em todos os espaços possíveis. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo elucidar o debate entorno do fascismo enquanto categoria de estudos analíticos explicitando as faces do fascismo na atualidade brasileira e discutir o papel dos movimentos sociais para com a superação desse movimento político antidemocrático e antissocialista. O artigo está respaldado no campo da pesquisa de natureza qualitativa e de cunho bibliográfico. Para além disso, buscamos apontar a discussão no sentido da crítica marxista e freiriana e no espectro da formação política. É urgente compreender e superar o fascismo para que possamos construir outros horizontes civilizatórios.

Palavras chave: Brasil; Fascismo; Movimentos Sociais; Política.

Abstract

The discussion about fascism has always been presented in the context of institutional politics and the construction of political debate in the spaces of formation and social interaction. Nowadays, in a historical period of social setbacks, the rise of fascist practices is gaining prominence in all possible spaces. In this sense, the present article aims to elucidate the debate surrounding fascism as a category of analytical studies explaining the faces of fascism in Brazil today and to discuss the role of social movements in overcoming this anti-democratic and anti-socialist political movement. The article is supported in the field of qualitative research and bibliographic nature. In addition, we seek to point the discussion in the direction of Marxist and Freirian criticism and in the spectrum of political formation. It is urgent to understand and overcome fascism so that we can build other civilizing horizons.

Keywords: Brazil; Fascism; Politics; Social Movements.

INTRODUÇÃO

O debate entorno do fascismo está em voga desde os tempos remotos de nossa história marcada pelo rastro da desigualdade social, do conservadorismo, do patriarcalismo e de outras mazelas sociais que estão intrínsecas a um projeto de civilização sob a rubrica do capital. O fascismo é um dos principais temas de debates na atualidade pandêmica, visto a ascensão de sua política totalitária e sua pedagogia da dominação e da eliminação. No presente artigo procuramos elucidar o debate sobre o

¹ Estudante da licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Crateús. E-mail para contato: arnobiojr07@gmail.com

² Licenciado em Letras e pós-graduado em Linguística e Língua Portuguesa e em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica. Professor de Ensino Médio. E-mail: antonvelsilva1992@gmail.com



fascismo com ênfase nas suas faces na atualidade e discutir o papel dos movimentos sociais diante da superação do fascismo.

A discussão aqui proposta deriva-se a partir do grupo de estudos emancipar (GEEMA) em Tamboril – Ceará, município localizado na microrregião do Sertão de Crateús. O grupo de estudos é articulado por professores de Educação do Campo e estudantes de graduação, onde tem-se a missão de criar sistemática de estudos e debates, bem como envolvimento em lutas para que os estudantes/participantes elevem o nível de consciência crítica sobre a realidade e assim, qualifiquem sua prática em defesa de uma sociedade justa, fraterna, igualitária/equitária e, portanto emancipada.

Não pretendemos aqui determinar um conceito sobre o fascismo, tampouco limitar a discussão na perspectiva do fascismo enquanto regime político. Esse debate requer a compreensão de outros conceitos a partir de uma dimensão política e social, bem como o que é direita e esquerda. O discernimento destas duas categorias é imprescindível para a problematização do conceito de fascismo, visto sua amplitude teórica sob a ótica de várias pedagogias e epistemologias. A arquitetura da política fascista é desenhada a partir do senso comum. Logo, nos cabe apontar a discussão mediante o saber científico, ensejando a crítica e construindo horizontes de emancipação social.

O fascismo vem ganhando novas fases na atualidade, sendo saudado e justificado pela ultradireita brasileira que hoje ocupa as ruas em prol de um projeto de sociedade baseada na legitimação da força, do autoritarismo e de outras políticas de repressão social. É preciso compreender as novas estratégias e táticas do fascismo na atualidade. Por isso, nos propomos a elucidar suas faces, ou seja, suas novas máscaras políticas. Não podemos perder de vista a importância da compreensão da retórica agressiva do fascismo, colocada como verdade absoluta e o alinhamento teórico-prático da política fascista com a elite brasileira.

Visando construir outras teorias e reflexões políticas acerca da temática, utilizamos a pesquisa de natureza qualitativa de cunho bibliográfica, tendo em vista que este tipo de pesquisa nos possibilita compreender melhor os fenômenos e nos coloca como seres não neutros no processo de pesquisa (APOLINÁRIO, 2012). Acrescenta-se que a pesquisa qualitativa está posta como arcabouço teórico de qualquer trabalho científico. Desse modo, é legítimo utilizar essa metodologia como caminho metodológico para o desenvolvimento da produção acadêmica. Utilizar esse tipo de pesquisa nos convida a refletir sobre outras teorias, portanto, enseja a multiplicidade do diálogo e cria outras perspectivas de formação.

Metodicamente, a pesquisa qualitativa tem o diálogo com outros sujeitos como horizonte de pesquisa e de formação. Por isso, ressaltamos que esse pressuposto teórico-metodológico fomenta outros diálogos coletivos de formação. Ensejar a formação política é um dos aspectos mais necessários na



atualidade. Felizmente, a pesquisa qualitativa inquieta o sujeito e desperta-o para a construção de outros saberes. Não objetivamos a domesticação a leitura, por isso partimos da premissa da crítica marxista e freiriana, duas correntes que dialogam muito no sentido da formação política.

Nesse sentido, o presente trabalho/artigo requer que o leitor esteja à altura da discussão, pois a discussão perpassa o campo da política e da crítica marxista e freiriana. Para além disso, pretendemos que a presente produção acadêmica chegue ao maior número possível de intelectuais e de sujeitos construtores da política revolucionária, adentrando ao campo da academia e para além dos muros da academia. Procura-se instigar o leitor a levar o debate para outros espaços de formação e de produção do conhecimento crítico. A urgência do debate e de outras problematizações no campo da atual conjuntura justifica a presente produção como instrumento para pensar o fascismo e proposições teórico-metodológicas de como superá-lo a partir do olhar político e da luta coletiva dos movimentos sociais.

AS FACES DO FASCISMO NA ATUALIDADE BRASILEIRA

Temos hoje uma conjuntura nacional marcada pelo agravamento da luta antidemocrática, antissocialista, de retrocesso das políticas públicas e de alijamento de pautas urgentes para a classe trabalhadora. O cenário político que estamos imersos é de restabelecimento das pautas conservadoras, anticomunistas e antifeministas. Mesmo estando presente nesse cenário de retroalimentação da política imperialista não conseguimos facilmente fazer análises seguras da realidade diante dessa conjuntura pandêmica que estamos vivenciando, pois são muitos os fatores de análise que nos traz incertezas e que vai dilacerando as nossas esperanças. Contudo, sejamos otimistas e não percamos as nossas esperanças, pois não podemos deixar que tudo vire determinismo e precisamos narrar as nossas histórias e para que sejamos atores de nossas histórias temos que manter viva as esperanças por um mundo melhor onde o amor, a equidade social e a paz prevaleça.

Dito isto, vê-se que as discussões que estão postas na atualidade nos levam a entender o fascismo numa ampla dimensão, buscando compreender sua anatomia. O conceito de fascismo tem ganhado corpo diante das diferentes e atuais perspectivas históricas. Em um determinado contexto histórico, político e social do século XX poderíamos minimamente definir o fascismo como um regime político. No entanto, essa definição de maneira concreta é rápida e problemática o que torna inconsistente a discussão dos tempos atuais. Como diz Break (2017, p. 14) “o fascismo é, talvez, mais que qualquer outro modo de política, notoriamente difícil de definir”.

Assim, não podemos reduzir a definição de fascismo a um regime político. Essa afirmativa não serve para os tempos atuais. As práticas fascistas na atualidade demonstram que precisamos pensar o



fascismo hoje não como um regime político propriamente dito. Partindo da realidade brasileira, as práticas fascistas são análogas as suas características em outros tempos históricos. Não há dúvidas que, independentemente de qualquer definição concreta, o fascismo é barbárie, é ódio e exclusão de identidades das políticas públicas. O não consenso sobre a definição de fascismo nos convida a refletir politicamente para além do horizonte político que está posto. Em busca de uma definição do fascismo na atualidade podemos dizer que o fascismo é mais do que um regime político que se consolida na segunda década do século XX. Assim, refletimos e respondemos:

O fascismo é uma tendência que surge na fase imperialista do capitalismo, que procura se fortalecer nas condições de implantação do capitalismo monopolista de Estado, exprimindo-se através de uma política favorável à crescente concentração do capital; é um movimento político de conteúdo social conservador, que se disfarça sob uma máscara “modernizadora”, guiado pela ideologia de um pragmatismo radical, servindo-se de mitos irracionistas e conciliando-os com procedimentos racionalistas-formais de tipo manipulatório (KONDER, 2009, p. 53).

Desse modo, não é correto caracterizar o fascismo na atualidade como um regime de direita. A caracterização do fascismo na atualidade requer compreendê-lo para além de um regime totalitário e violento. Atualmente, não podemos perder de vista o fascismo enquanto um movimento político de massas, antidemocrático, antifeminista, anticomunista e legitimador de políticas de hostilidade em territórios desassistidos. Indiscutivelmente, o movimento fascista da atualidade brasileira tenta mascarar sua ideologia e objetivos a partir do discurso do senso comum, aliando-se com a elite e direita brasileira, visto que são pautas aliadas. “O fascismo e o capitalismo tornaram-se aliados práticos [...]” (PAXTON, 2018, p. 338). As formas do fascismo contemporâneo estão em conexão com a arquitetura do pensamento da direita como uma alternativa de consolidação de sua política e pedagogia.

Contudo, torna-se explícito os objetivos desse movimento político ao passo que seus ideólogos se colocam nas ruas clamando por ideais conservadores e antioperário. Seus objetivos são evidentes mediante a luta constante por uma sociedade arquitetada no patriarcalismo, machismo, misoginia, homofobia, na legitimação do racismo estrutural, resignificando todos os valores tradicionais da família nuclear e outras opressões possíveis. Assim, o movimento fascista brasileiro revela suas variadas formas de manifestação, desde o uso de uma retórica agressiva colocada como verdade absoluta bem como a violência institucionalizada pelo atual governo federal. Ressalta-se que a violência fascista perpassa um recorte de gênero, raça e classe, secundarizando as minorias sociais e colocando-as nas margens do sistema capitalista.

Como ressalta Konder (2009), o primeiro movimento político fascista surgiu na França, consolidando-se na Itália sob a ótica de Mussolini e ganhando outras dimensões nacionais e internacionais. Desse modo, há uma vasta forma de manifestação do fascismo, haja vista os diferentes



contextos históricos e sociais. Por isso, o fascismo que hoje se discute se manifesta com outras máscaras políticas. A universalidade do fascismo no que tange aos seus objetivos gerais enquanto movimento de ordem violenta é uma das formas iniciais para se pensar o fascismo. No entanto, para que possamos enxergar politicamente suas faces na atualidade, é preciso entender suas características.

Antes, pontua-se que o fascismo se notabiliza de forma clara a partir do ataque violento e mortalmente aos movimentos sociais e a outras articulações de esquerda. No caso do atual governo brasileiro não podemos caracterizar o governo como um regime fascista, embora certamente tenha fascistas que ocupam os cargos públicos do governo. Os fascistas engravatados que usam a pedagogia e as práticas fascistas como políticas de governo exaltam claramente um discurso clássico, baseado na família nuclear e tomam a religião como justificativa de seus propósitos conservadores, saudando as práticas fascistas em nome de Deus. Nesse sentido, as faces do fascismo estão expressas em várias personalidades. Há um conjunto de elementos que evidenciam as faces do fascismo e esses elementos precisam ser evidenciados e derrotados.

Como já apontado acima, compreender as características do fascismo é um dos principais pontos de partidas para perceber as suas faces. Indiscutivelmente, o fascismo instrumentaliza a violência como princípio de atuação. Além disso, é visto que o fascismo defende o culto ao líder, ou seja, defendem uma figura política e/ou religiosa que endossa a narrativa conservadora, racista, homofóbica e essencialmente machista. Esses tipos de narrativas ressignificam os valores tradicionais de uma cultura binária centrada na figura do homem e deslegitima a existência de toda a diversidade e outras pluralidades possíveis, criminalizando as múltiplas identidades, seus saberes e invisibilizando suas vozes.

Nessa perspectiva, observa-se que essa característica está presente no discurso da elite e classe média brasileira. É característico do fascismo e de suas práticas depreciativas viabilizar esse tipo de discurso apelativo que geralmente parti do senso comum. É possível perceber essa característica na atualidade. Sem dúvidas, o chefe do executivo do governo federal defende explicitamente esse discurso além de partir de uma retórica agressiva para com as identidades desassistidas pelas políticas de governo. Nesse sentido, pontua-se que a classe média e a figura de Bolsonaro representam uma das faces modernas do fascismo na atualidade brasileira ancoradas em instrumentos de repressão do Estado burguês e da elite brasileira.

“A política fascista troca a realidade pelos pronunciamentos de um único indivíduo, ou talvez de um partido político” (STANLEY, 2018, p. 53). É evidente que os arautos defensores das políticas e práticas fascistas utilizam a formação e os objetivos de um partido político reacionário além de receber o discurso de um indivíduo como ideologia e com total veracidade. A classe média brasileira tem absorvido essa função e vem ao longo dos anos demonstrando compromisso com o projeto de



acumulação de capital, de exploração e de submissão as políticas imperialistas. Nota-se que a classe média tem se mostrado agressiva diante dos atos antifascistas e legitimado a retórica bolsonarista que está a serviço de um projeto fascista. A política da morte sobre a rubrica de Bolsonaro e da crise do capital é uma face agressiva da política fascista posta na atualidade brasileira.

A classe média enquanto face política e social do fascismo é um movimento de massas que se utiliza do ódio a pluralidade da cultura, de uma retórica agressiva, de uma ideologia anticomunista e do uso da força contra os movimentos sociais que clamam por políticas que não chegam para todos. Esse movimento de massas expõe suas frustrações e dissabores para justificar a violência e outras práticas fascistas sobre a âncora de seus ideólogos. A propaganda é um dos elementos utilizados pela classe média para disseminar a ideologia fascista, sobretudo a partir das mídias sociais. Essa camada social encontra contornos para ludibriar os indivíduos e disseminar os propósitos autoritários e antidemocráticos. Daí, devemos utilizar as mídias como espaço de formação política e com o objetivo de disputar a hegemonia política.

Nota-se que o fascismo se moderniza ao longo da história, procurando outras formas de agir. Assim, é inconsistente teoricamente o discernimento do fascismo apenas sobre as características da figura de Bolsonaro como sujeito político, social, individual, pois segundo Paxton (2018, p. 23), “a imagem do ditador todo poderoso personaliza o fascismo, criando a falsa impressão de que podemos compreendê-lo em sua totalidade examinando o líder, isoladamente”. É nesse sentido que não podemos analisar o fascismo sobre apenas um aspecto, tendo em vista o apoio de grupos antissocialistas e de instituições sociais. É preciso analisar a totalidade e sua materialidade existente. Sabe-se que os primeiros movimentos fascistas se apresentavam como anticapitalista e antiburguês. Em tempos atuais, há uma constante conexão com a elite e com seu projeto civilizatório assentado no capital que não nos serve enquanto classe trabalhadora.

Tanto Bolsonaro enquanto sujeito político autoritário quanto a classe média utilizam-se de teorias da conspiração para esculpir uma realidade baseada na ordem social. “As teorias da conspiração não apenas têm o poder de influenciar as percepções da realidade, mas também podem moldar o curso de eventos reais” (STANLEY, 2018, p. 56). Além disso, as teorias da conspiração são utilizadas para deslegitimar os conteúdos de formação política que são construídos nas mídias. Nesse sentido, é explícito que as faces do fascismo na atualidade brasileira dialogam com o conservadorismo, com a direita liberal e com o capital financeiro.

Konder (2009) traz reflexões para construir o pensamento sobre o fascismo e nos diz que “[...] o fascismo aproveitou elementos das mais variadas linhas de pensamento reacionárias, reunindo-os de maneira eclética e em função de um uso muito claramente pragmático” (p. 59). Essa assertiva reflete a



atual realidade brasileira. As faces do fascismo na atualidade a exemplo das duas mencionadas anteriormente exaltam suas alianças com a pedagogia reacionária. A violência de manifestantes de classe média (geralmente homens héteros brancos e mulheres héteras brancas) contra os sujeitos antifascistas nas ruas evidenciam as políticas fascistas construídas conjuntamente com o pensamento conservador, reacionário, racista e homofóbico. Infelizmente, “a política fascista substitui o debate fundamentado por medo e raiva” (STANLEY, 2018, p. 53).

De maneira crítica e reflexiva, as milícias que vem ganhando notoriedade na sociedade brasileira a partir de um conjunto de elementos da política reacionária é uma outra face do fascismo na atualidade. É a partir do ataque das milícias que o fascismo ganhou visibilidade. A expansão das milícias é uma expressão grave do crescimento gradativo da política reacionária que vem se estruturando desde 2013 e ganhando legitimidade a partir de 2018. Trata-se da busca de uma dominação violenta sobre os corpos das minorias e do controle de suas mentes. A força, o ódio, o autoritarismo e os pressupostos teóricos baseados no militarismo são as principais características de atuação desse grupo fascista. O fascismo objetiva a dominação, o silenciamento de pedagogias e de identidades e a formação de milícias é um movimento de massas que surge para conter a luta coletiva de emancipação social e para intimidar e desencorajar a luta antifascista. Assim, a milícia é uma face hostil do fascismo que objetiva esmagar o movimento operário de forma violenta.

Outras faces do fascismo vão se construindo a partir de suas características de atuação. Desse modo, discutir o fascismo é compreender a história e ter capacidade de fazer leitura de mundo, pois o seu crescimento substancial requer condições históricas e preparação reacionária capaz de imobilizar as forças antifascistas (KONDER, 2009). Para além disso, acrescentamos que a religião sob a ótica dos ideais conservadores e patriarcais tem sido uma face mais oculta do fascismo, utilizando a retórica do negacionismo, acusando o saber científico de legitimar um discurso marxista e comunista. O marxismo enquanto filosofia da práxis rejeita essa assertiva minimalista.

A famosa frase de Bertolt Brecht “a cadela do fascismo está sempre no cio”, nos convida a refletir e a reafirmar que a luta tem que ser coletiva, anticapitalista e permanente, pois “as condições de luta e resistência contra as práticas fascistas estão postas na ação, na materialidade, no agir socialmente e politicamente. Os atos antifascistas é uma resposta concreta as ações fascistas que se materializam numa escala espaço-tempo” (SOUSA JÚNIOR; NERI, 2020, p. 70). Nesse sentido, a luta dos movimentos sociais é imprescindível para fortalecer um projeto de produção coletiva de conhecimentos emancipatórios, uma vez que fomenta os diálogos coletivos de formação e enseja a reflexão sociológica.



O PAPEL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO PROCESSO DE SUPERAÇÃO AO FASCISMO

Diante dos avanços do fascismo já descritos, acredita-se que é urgente a reação dos movimentos sociais de forma organizada na perspectiva da eliminação dessa ideologia totalitária que avança a passos largos no Brasil. Assim sendo, é imprescindível um plano unificado dos movimentos sociais, organizações e partidos políticos de esquerda com um projeto para barrar de vez esse avanço. Nessa perspectiva temos a Frente Brasil Popular e Frente Povo Sem Medo, porém, ambas não têm conseguido avanços emblemáticos em algumas discussões e práticas e que impulsionem as pessoas nas suas bases, nos seus territórios rumo a construção de uma sociedade democrática.

Não é de nossa pretensão esgotar toda a discussão, mas provocar reflexões ao público leitor para que assim se possa traçar estratégias nas organizações e partidos políticos de esquerda e assim garantir a autonomia da voz e anseios dos povos brasileiros.

Em nossa concepção, a primeira tarefa que os sujeitos políticos organizados comprometidos com a democracia brasileira têm é conscientizar o povo sobre a ascensão do fascismo no Brasil, pois somente tomando consciência crítica sobre esse cenário, se pode começar a pensar numa mudança de rumo, tendo como horizonte a retomada dos princípios democráticos. Sem tomar consciência crítica, o povo jamais irá reagir para barrar o fascismo pois os discursos do presidente da república e seus aliados direcionam para a naturalização dessa realidade de cerceamento das liberdades democráticas.

É importante salutar que quando enfatizamos a consciência crítica temos a intencionalidade de chamar atenção para o fato de que ao longo da história somente os movimentos sociais progressistas, organizações da classe trabalhadora e partidos políticos de esquerda direcionam ações para a emancipação humana, isso é importante porque parte da esquerda está confiando essa tarefa aos meios de comunicação hegemônicos que são coordenados pela direita, portanto, não se pode cair na inercia de confiar à globo, por exemplo, essa tarefa de conscientizar os povos pois essa formação não direciona para o rumo que almejamos.

Considera-se importante destacar ainda que a segunda tarefa é questionar os aparelhos do estado mediante os fatos que se apresentam na sociedade de fortes evidências de ligação entre as milícias, forças armadas e polícia, essa intimidade se explicita nos atos ocorridos nos últimos meses com pautas de fechamento do Congresso nacional, do Supremo Tribunal Federal, do Senado Federal e reivindicando a volta da Ditadura Civil Militar, atos esses que contam com a presença de algumas lideranças dessas forças se posicionando favorável a essas pautas, essas informações precisam chegar ao conhecimento das pessoas via militantes sociais com uma compreensão crítica. Além disso, denunciar amplamente a forma como a polícia age de forma arbitrária quando se trata de povo negro e da favela, matando de



forma irresponsável esses corpos que se eternizam na memória social de um Brasil marcado após os anos 1.500 pelo preconceito e racismo que também é pilar estruturante do fascismo.

Para tanto se faz necessário e urgente a retomada sistemática e contínua do trabalho de base, esse, compreendido por Peloso (2012, p. 67-68) como:

[...] a ação política transformadora de militantes da organização popular em determinado território que estimula, desperta, organiza e acompanha o povo no enfrentamento de desafios cotidianos e liga essa luta a luta geral contra a opressão. A finalidade prioritária do trabalho de base é: a) responder as necessidades concretas de uma categoria profissional ou setor da sociedade; b) produzir quadros militantes para dirigir politicamente a luta econômica e política da transformação pela raiz as estruturas da sociedade capitalista.

Então a tarefa do movimento social e das organizações políticas é retornar a essas bases e difundir a ideia de ruptura dos princípios da sociedade capitalista e anunciar uma sociedade socialista, tendo como direção neste processo de mobilização das bases animá-las ao elevar o nível de consciência, fazer com que estas pessoas tenham uma maior apropriação político-social canalizando para uma luta em defesa da emancipação humana. Para tanto, criar narrativa deixando clara essa conjuntura de muitas ameaças à democracia, mas também evidenciar as lutas travadas ao longo da história em Canudos (coordenado por Antônio Conselheiro), Palmares (Coordenado por Dandara e Zumbi) e mais recentemente as mobilizações contra o golpe de Dilma a primeira mulher eleita democraticamente neste país.

A militância social deve ajudar a base a descortinar essa realidade baseando-se na dialética, instigando o sentimento de indignação pois assim, irão reagir conscientes e eliminar a ascensão do fascismo. Nesse momento histórico em que se vive é imprescindível esse trabalho de base - que não necessariamente deve-se dar tão somente nas redes sociais- mas no contato sistemático com a base como outrora foi feito com muita qualidade. Observa-se que a população está sedenta por uma formação qualificada e direcionada rumo a um projeto de sociedade democrática em que a classe trabalhadora tenha a oportunidade de participar dos processos de decisão, implementação e fiscalização dos recursos públicos primando pela ética e responsabilidade.

Nesse intuito, é importante um processo formativo estrategicamente rizomático, de tal modo que as pessoas do campo, quilombolas, povos nativos, assentados da reforma agrária, das periferias, nas suas mais diversas formas, cores e religiosidades possam ter acesso a uma formação no sentido lato com ideais libertadores. É necessário ocupar as redes sócias – muito embora elas não sejam o único instrumento – disseminando a nossa compreensão de sociedade, fazendo contra hegemonia ao gabinete do ódio, às fake news e as milícias também nesse espaço. Conscientes de que essas ações não minimiza o contato físico, a ação organizada, sistemática no chão dos territórios onde estão as bases.



Romper com a sociedade capitalista que dentre as muitas faces que têm, o fascismo é uma destas, implica também romper com o consumismo, monopólio das grandes empresas, com o agronegócio que devora a vida da mãe natureza e a nossa porque também somos natureza, portanto com o grande negócio. Ao mesmo tempo, conscientizar e valorizar a agroecologia como um modelo de vida que respeita os demais seres vivos, a economia popular e solidaria que subsidia na qualidade da produção dos(as) agricultores(as) familiares e vislumbra um novo modelo de comercialização mais justo entre as pessoas, onde o foco não é o lucro mas a troca de experiências e a comercialização de produtos livre de agrotóxicos, portanto saudáveis.

Tarefa importantíssima também é ocupar a política compreendendo esse espaço enquanto locus importante de representatividade, e deve se pintar de mulheres, negras(os), povos nativos, LGBTQIA+, povo camponês, da periferia e gentes de toda a base. Igualmente é tarefa revolucionária para as pessoas cristãs, ocupar a Bíblia e fazer ressoar a voz e práticas do Cristo revolucionário, comprometido com os empobrecidos, com os subalternizados na sociedade capitalista e reacender a chama da fé da esperança da nova sociedade que já se avizinha. É hora de ocupar esse espaço sob os princípios da teologia da libertação, de entender o evangelho comprometido com a realidade desse povo que como diz o poeta popular: quer ter voz, ter vez, lugar!

Portanto, é um processo constante de desconstrução e reconstrução revolucionária por pensarmos num processo de ruptura com a sociedade capitalista e construção do socialismo. Para tanto, é de suma importância manter as bases animadas num processo permanente de agitação política pois em tempos difíceis, estarmos animadas(os), se formando em rede, e lutando contra toda essa estrutura, é revolucionário demais.

Compreendendo que o ideário do fascismo está intrinsicamente ligado a um projeto de sociedade, por isso trouxemos nos parágrafos anteriores essa discussão sobre a concepção de sociedade que temos e a que estamos a construir, a que queremos. É a hora da batalha, as correlações de forças se acirram, você leitor(a) é preciso se posicionar politicamente de que lado você está, que projeto defende, uma sociedade de cerceamento das liberdades democráticas ou pré disposto(a) a construir o socialismo? do lado da morte, sanguinário, opressor da história? se desse lado, suas mãos estarão marcadas com o sangue do povo negro, mulheres, camponeses(as), LGBTQIA+, povos nativos, homens e mulheres do povo que tombaram e tombam todos os dias por defenderem a vida em primeiro lugar. Se do outro, vem, vamos dar as mãos numa grande ciranda e construir juntos(as) a nova história que já começou, hoje, agora. E saibam, a história é implacável, ela não perdoa ninguém!



CONSIDERAÇÕES FINAIS

É válido considerar que precisamos nos irmanar e construir uma frente de esquerda para que possamos evidenciar a nossa força enquanto classe trabalhadora e projetar nossos horizontes como objetivo da missão revolucionária. Procuramos elucidar a discussão sobre o fascismo com recorte a entender suas faces na atualidade no sentido da construção da pedagogia da contestação, da autonomia, da esperança e da libertação. A discussão sob ótica da busca pela formação política almejando a consciência crítica e da crítica freiriana e marxista evidenciou a necessidade de tomarmos partidos e entender o momento presente a partir de uma pedagogia que materialize a história como princípio de formação social, humana e política.

É sabido que não se ganha o fascismo nas urnas. Por isso, não podemos ser apenas eleitores e compreende-se a urgência da formação política e o despertar para a consciência crítica em um sentido holístico de se pensar a política e a história em sua totalidade. Como destacado, no limiar dessa nova civilização capitalista, o fascismo ganha contornos e novas identidades que estão representadas no âmbito da política institucional e em outros espaços de formação e de convívio social. O fascismo não é só um regime político. Contudo, um movimento de ordem, da disciplina e, principalmente, antissocialista.

Vê-se que as novas faces do fascismo na atualidade ocupam espaços sociais e políticos de forma estratégica no sentido do direcionamento de sua pedagogia como cartilha de ensinamento. A política fascista é estratégica e tática ao passo que se utiliza do senso comum para ludibriar os sujeitos e convencê-los a entender que as opressões não existem. Nesse sentido, enfatizamos o papel dos movimentos sociais no processo de superação ao fascismo, tendo em vista o seu papel de formação política e de luta constante contra as práticas depreciativas do fascismo que hoje dialoga com a elite brasileira. Assim, entendemos que além da irmandade é preciso nos aquilombar para que possamos escrever novas histórias.

Entende-se que as lutas dos movimentos sociais em todas as esferas possíveis é uma convocação a implicação político-reflexiva e a pensar coletivamente em como desestruturar o fascismo para superá-lo. Enfatizamos a importância da consciência do povo; o questionamento aos aparelhos de dominação e opressão construindo conjuntamente narrativas de combate e agitações políticas; a denúncia a opressão institucionalizada pela polícia; a luta constante pelo trabalho de base; a valorização da política agroecológica enquanto modelo de vida limpo e sustentável além da economia solidária e popular; a ocupação na política pela diversidade e outras pluralidades possíveis; ocupar a bíblia e defender incisivamente a teologia da libertação.



Por fim, ressaltamos que precisamos manter a esperança, agindo em rede e construindo uma identidade de resistência contra os padrões da política capitalista, imperialista e fascista e sempre renovando a pedagogia marxista e freiriana visibilizando a construção de novos diálogos coletivos de formação e de novos horizontes de emancipação a partir da luta coletiva e anticapitalista. Ainda, não cabe a nós apontar a luta dos movimentos sociais como uma luta meramente identitária, mas é uma luta por um projeto democrático onde todas as identidades sejam reconhecidas e representadas, fomentando redes de solidariedade e políticas de inclusão. Reafirmamos que é um gesto cívico ser contra a política do capital, das práticas fascistas embutidas em novas máscaras política. Por último, ressaltamos que os novos marcos civilizatórios devem ser construídos de forma coletiva entendendo os anseios e desejos da nova sociedade que como ressaltado, já se avizinha.

REFERÊNCIAS

- APOLINÁRIO, F. **Metodologia da ciência**: Filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- BREAK, M. **Antifa**: o manual antifascista. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2017.
- KONDER, L. **Introdução ao fascismo**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009.
- PAXTON, R. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.
- PELOSO, R. **Trabalho de base**: seleção de roteiros organizados pelo Cepis. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- SOUSA JÚNIOR, A. R.; NERI, A. A. M. “Atos antifascistas e violência policial no Ceará. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 3, n. 7, 2020.
- STANLEY, J. **Como funciona o fascismo**: A política do “nós” e “eles”. São Paulo: L&PM Editores, 2018.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 3 | Nº 8 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima